



COMPREENDENDO O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) A PARTIR DA ANÁLISE DE UM ESTUDO DE CASO.

Sidycleide Gomes de Souza Lucena¹
Gisleine do Nascimento Gomes Ramos²
Lílian Bárbara Cavalcanti Cardoso³
Marcia Cristina Buarque Araújo⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender o que é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) a partir da análise de um estudo de caso que tem como base o relato de experiência de uma das autoras deste artigo. Para tanto, buscamos fazer uma análise conceitual e conjectural do TDAH, discutimos sobre a questão da inclusão escolar, assim como destacamos a importância da formação de professores para efetivação do atendimento de crianças com TDAH. A escola, por vezes não está preparada para promover a inclusão, entre os casos mais evidentes deste fato é a questão do tratamento de crianças diagnosticadas com TDAH que por falta de uma formação e orientação por parte dos gestores e docentes, são tratadas de maneira inadequada. O relato nos mostra os desafios de uma educadora para lidar com uma criança que foi diagnosticada e a escola não deu o tratamento necessário para o seu desenvolvimento. Diante desse contexto, buscamos contribuir para um novo olhar sobre o processo de inclusão de crianças com TDAH na escola, a partir do pressuposto que a (in) formação pode acabar com a ignorância que permeia o espaço escolar com relação a esse transtorno.

Palavras-chave: TDAH, educação inclusiva, estudo de caso.

INTRODUÇÃO

O conto da escola (Machado de Assis)

[...]Rato na casaca... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E, contudo, a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor.

¹Graduada em Pedagogia, pela Universidade Estácio de Sá. Especializando em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Centro Universitário Tiradentes (UNIT), e-mail: sidycleide@hotmail.com;

²Graduada em Pedagogia – UFAL. Especialista em Gestão Escolar Coordenação Pedagógica – CESMAC. Especialista em Psicopedagogia Institucional – CESMAC. Especialista em Ed. INCLUSIVA – UNEAL. Atualmente Professora de Ensino Fundamental Séries iniciais da Rede Municipal de Joaquim Gomes-AL. Email: leine.gomes@gmail.com;

³Graduada em Pedagogia (UFAL). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (IBESA). Metra em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFAL), atualmente é doutoranda do mesmo programa. lilianbarbara.cc@gmail.com;

⁴Graduada em Psicologia - Centro Universitário CESMAC. Pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional – UNIT. Pós-graduanda em Gênero e Diversidade na Escola – UFAL. Pós-graduanda em Gestão Estratégica de Recursos Humanos. Capacitada em Psicologia Perinatal e Parental. Capacitada em Prevenção a Violência Contra a Mulher. Formação em Terapia Cognitivo Comportamental. Atuação na área educacional e atendimento clínico de gestantes e puérperas. mcbaraujo2000@gmail.com;



“O conto da escola” é uma das obras escritas de Machado de Assis, que nos remete ao cenário educacional no século XIX. Apesar de narrar a história de um garoto que não gostava da escola nos tempos passados, esse conto pode nos ajudar a refletir sobre o problema que por séculos a nossa escola não resolveu: o tratamento de criança com dificuldade de concentração. O conto tem como cenário a sala de aula, em que um professor linha dura castiga dois alunos que foram atraídos e levados à distração por causa de uma moeda do tempo do rei durante a aula.

A personagem principal após o episódio da correção, vai para casa e ao dormir sonha com a moeda. No outro dia, ao sair de casa, deparou-se com uma companhia de fuzileiros que estavam a marchar com um tambor a embalar o passo. O menino ao ouvir o tambor seguiu a tropa rua abaixo, passando pelo bairro da Saúde e depois pela praia da Gamboa, chegou em casa enxovalhado, sem a pratinha e sem ressentimento por ter faltado a escola.

A escola era pouco atrativa para esse garoto. No século XIX a escola seguia um modelo de escolarização tradicional, em que o professor era autoridade da sala, tinha total controle através de instrumentos de coerção, como a palmatória. Os alunos não eram considerados nas suas singularidades e tampouco, ouvidos em seus desejos. A escola era uma prisão. Nesse sentido, todo esse modelo educacional percorreu por anos os nossos espaços escolares, mesmo em meio a tantos avanços no campo da literatura acadêmica e na legislação, ainda nos deparamos com práticas de exclusão e de autoritarismo que nos remete a ausência do reconhecimento dos alunos como sujeitos sociais, históricos de direito.

Podemos associar essa história a alunos diagnosticados TDAH na atualidade? A interpretação vai de quem lê e conhece o transtorno. Algumas características do menino do “Conto da escola” de Machado Assis podem ser concatenadas com o referido transtorno, pois o personagem apresentava uma dificuldade para permanecer na sala imóvel numa época em que o controle era a base da palmatória; a sua atenção foi desfocada por causa de uma moeda e no final da história, o menino vai na leva do tambor dos fuzileiros, a perder pelos ruas dos bairros do Rio de Janeiro, a brincar e correr na praia da Gamboa, sem peso na consciência por estar faltando a aula.

A escola de ontem e de hoje ainda continuam semelhantes se analisarmos do ponto de vista do reconhecimento e tratamento de pessoas com necessidades de atendimento especializado. A inclusão escolar é fator legal e obrigatório em todo o Brasil, porém observamos a falta de interesse dos educadores em enxergar as possibilidades de avanços nas aprendizagens



por não apresentarem domínio no acolhimento destas demandas. Dessa forma, é emergencial que possamos refletir sobre a qualificação profissional associada aos aspectos humanizador e como estes podem contribuir de maneira fundamental nas conquistas diárias dos estudantes que apresentam o transtorno. Diante deste contexto, analisaremos um estudo de caso, para compreender a importância da formação docente e do olhar sensível sob crianças e adolescentes diagnosticadas com TDAH.

Buscamos contribuir para um novo olhar sobre o processo de inclusão de crianças com TDAH na escola, a partir do pressuposto que a (in) formação pode acabar com a ignorância que permeia o espaço escolar com relação a esse transtorno.

METODOLOGIA

Buscamos inicialmente promover uma revisão de literatura dialógica e criativa (MONTUORI, 2005). Durante esse procedimento, foi elaborado o fichamento para organizar os estudos que referenciam a temática desta pesquisa. A revisão de literatura é um processo importante para aqueles que precisam interpretar os dados e analisar fenômenos sociais. A proposta que fundamentou este trabalho foi a de Sheron Walker (2015), a proponente de uma revisão de literatura dialógica. Essa concepção da autora teve como base a ótica de Montuori (2005) de revisão de literatura criativa. Nesse processo, os textos escolhidos para fundamentação teórica do objeto de pesquisa ultrapassam o naípe de uma metodologia de sumarização de autores que já escreveram ou estudaram sobre a temática. Essa proposta desafia o pesquisador a promover um diálogo entre os autores dos textos selecionados de uma forma criativa sem exaustão no momento da leitura.

Além da revisão de literatura, tratamos neste artigo de um estudo de caso. O estudo de caso, segundo Yin (2001), é um dos recursos metodológicos que podem ser utilizados na realização de trabalhos ou pesquisas. Sua forma dialógica tem feito com que seu uso tenha sido cada vez mais comum. No entanto, a utilização deve ser de forma cautelosa e bem pensada. Pode ser encontrado e utilizado em alguns âmbitos como estudos organizacionais, pesquisas de planejamento, dissertações das áreas acadêmicas.

Essa ferramenta metodológica contribui significativamente para a compreensão de fenômenos complexos. Os dados obtidos são mais fidedignos e preservam as reais características do evento em questão. É importante que não seja confundido com pesquisa qualitativa (YIN, 2001). É preciso decidir se o estudo de caso será único ou múltiplo. O uso de



qualquer método de pesquisa apresenta vantagens e desvantagens. É notório que seu uso em alguns momentos é alvo de críticas, pois é percebido como um trabalho fácil de ser realizado.

Para Yin (2001) o estudo de caso, por muito tempo, foi encarado como estratégia exploratória. Com o tempo as estratégias foram assumindo outras vertentes e passaram a ser de natureza exploratória, descritiva, explanatória. Para diferenciar as estratégias de pesquisa é necessário identificar o que está sendo apresentado, assim como o método a ser adotado será definido a partir do objeto de estudo ou situação em questão.

O objeto de estudo deste trabalho são as dificuldades de lidar com crianças diagnosticadas com TDAH e para compreendermos como essas dificuldades podem ser minimizadas, relatamos uma experiência destacando, em especial, a forma de lidar com crianças que são rotuladas como incapazes por possuir esse tipo de transtorno.

CONCEITUANDO O TRANSTONO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, representado pela sigla (TDAH) é um distúrbio considerado neurológico que acomete as funções cerebrais. Sua origem é genética e os indivíduos que são diagnosticados com esta disfunção, demonstram uma proporção menor de dopamina em seu cérebro. Ainda não existe uma comprovação científica definitiva sobre as questões hereditárias, porém, pesquisas revelam uma certa ligação. O Instituto Paulista de Déficit de Atenção (IPDA) que é referência sobre o assunto desde 2004, descreve que “estudos mostram uma probabilidade de 50% de pais transmitirem para os filhos”.

No Brasil foi *Lefèvre* (1975, *apud* RAMALHO 2019, p.16), quem estabeleceu a definição de distúrbio da aprendizagem como:

[...] síndrome que se refere à criança de inteligência próxima à média, média ou superior à média, com problemas de aprendizagem e/ou certos distúrbios do comportamento de grau leve a severo, associados a discretos desvio de funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC), que podem ser caracterizados por várias combinações de déficit na percepção, conceituação, linguagem, memória, atenção e na função motora.

Desta forma, o desvio de funcionamento do (SNC) se dá pela baixa proporção de dopamina presente no cérebro, tal hormônio é um neurotransmissor encarregado da função motora e da atenção em nosso organismo, quando este não funciona de forma “normal” desencadeia algumas consequências, dentre elas podemos citar a falta de concentração.

Portadores de TDAH demonstram essa característica seguida de algumas comorbidades como a hiperatividade, impulsividade, desatenção e esquecimento. Os transtornos de



aprendizagem não devem ser comparados com uma incapacidade mental, mas uma forma de desordem que requer atenção, compreensão e carinho por parte daqueles que convivem com indivíduos que apresentam estes distúrbios.

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (2014), o diagnóstico só é realizado a partir dos 7 anos de idade, pois é nesse período que a criança inicia suas vivências específicas de aprendizagem escolar, em que um esquema de comportamento sistematizado é fundamental, o DSM-5 menciona também a possibilidade de categorizar o TDAH em leve, moderado e grave.

O Instituto Paulista de Déficit de Atenção (IPDA) afirma que as estimativas internacionais apontam entre 3% a 7% das crianças e adolescentes em idade escolar demonstram sinais do TDAH. Destas 50% irão apresentar o transtorno na vida adulta, portanto é muito importante ser diagnosticado e acompanhado por uma equipe de multiprofissionais o mais cedo possível, para que estes aprendentes possam aflorar suas potencialidades que muitas vezes se encontram adormecidas pela falta de estímulo adequado.

Segundo o psiquiatra Paulo Mattos, coordenador do núcleo de estudos do TDAH da Universidade Federal do Rio de Janeiro, um dos fundadores da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) “[...] em estudos epistemológicos, não se nota tanta diferença na prevalência do transtorno entre meninos e meninas, mas em ambiente clínico, como ambulatórios e consultórios médicos, há maior número de meninos [...]”. Como nos meninos fica evidenciado mais os sintomas de hiperatividade e impulsividade, devido a agitação motriz que eles apresentam são levados com mais frequência aos especialistas, já nas meninas predomina a desatenção, conseqüentemente são levadas com menos regularidade às clínicas.

Isso não significa dizer que as meninas não sofram tanto quanto os meninos, como veremos no estudo de caso analisado neste artigo. Ressaltamos que é importante deixar claro que o TDAH acompanha o indivíduo a vida inteira, logo, não tem cura, mas, tem tratamento, que pode ser realizado quando necessário através da medicalização ou utilizando técnicas de ações adequadas que ofereçam mudanças significativas de longo prazo na vida deste aprendente, para que o mesmo consiga alcançar seus objetivos de forma mais tranquila, prazerosa e sem rótulos pré-definidos. Sara Paín (1985, *apud* BASTOS 2015, p. 34) comenta o que ela considera o primeiro objetivo do tratamento:

Em primeiro lugar o objetivo do tratamento é conseguir uma aprendizagem que seja uma realização para o sujeito. Este termo resume o processo pelo qual um indivíduo se transforma em uma realidade, e isto por meio de duas instâncias complementares, uma enquanto alcança sua identidade nas suas



capacidades e, outra, enquanto compreende a si mesmo como articulação de uma sociedade que se transforma (p.81).

Os obstáculos mais visíveis nos portadores de TDAH são a baixa autoestima, atraso ou dificuldade de aprendizagem, evasão escolar, comportamento agressivo, alterações de conduta, exclusão escolar e social, problemas emocionais como depressão e na fase adulta problemas acadêmicos e profissionais.

A INCLUSÃO ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS)

Umas das principais dificuldades existentes quando se discute o processo de inclusão escolar é compreender que incluir vai além de aceitar a diferença, está na esfera do respeito e da dignidade do outro, independentemente da sua particularidade ou do motivo que o torna distinto. Acerca disso, Souza (2018) afirma que:

O conceito de inclusão só teria sentido devido à existência da exclusão, exclusão proveniente da não tolerância à diversidade, produto do sistema vigente que reforça a culpabilização dos sujeitos, propagando um sentimento de frustração e fracasso, ao passo que prioriza os que se adéquam ao seu padrão de manutenção (p.24-25).

A proposta da Educação Inclusiva surge justamente para ressignificar os conceitos sociais de linearidade, padronização e ideário; tais conceitos fazem a “diferença” se sentir imprópria e fomenta a necessidade de o coletivo escolar refletir acerca das diversidades para acolhe-las, sem rótulos ou estigmas pré-definidos. Precisamos pensar na amplificação de uma educação projetada para todos, no qual o respeito seja pautado no ser humano e suas singularidades.

Sabemos que desde 2008 foi criado o Atendimento Educacional Especializado - AEE nos espaços escolares para garantir aos “alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação a promoção e o acesso as condições para uma educação de qualidade eliminando qualquer barreira que impeça o pleno desenvolvimento do estudante.” (BRASIL, 2008, p.5).

Esses atendimentos segundo as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica devem ser realizados segundo o Art. 5º:

[...] prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições



comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios. (BRASIL, 2008, p.2)

Ter um espaço considerado próprio dentro da escola nem sempre significa está apto a inclusão. A realidade escolar incute ao profissional atuante no AEE e os auxiliares de sala a responsabilidade pelo processo de desenvolvimento do estudante com deficiência em boa parte das escolas brasileiras. Santos (2014, p. 42) considera que:

“Todavia, o profissional do AEE deve ter as suas funções articuladas com as atividades promovidas pelos professores da sala regular, coordenação pedagógica, supervisores e demais gestores que regem a instituição escolar. Isso, para fins de melhorias na qualidade de ensino da pessoa com deficiência.

A compreensão distorcida das responsabilidades para com o público com deficiência nos instiga emergencialmente a dialogar sobre a formação docente, consideramos que professores(as) necessitam está aberto a compreender até onde vai o direito do outro e qual o seu papel inclusivo enquanto profissional. Estamos nos referindo a educadores(as) das salas de aula regular que tem sua participação no processo educacional e que precisam adéqua-se para lidar com as diferenças, haja visto que a exclusão delinear-se nos espaços escolares não somente pelos estudantes considerados “normais” mais também pelos docentes que despreparados vestem a armadura da rejeição em suas ações aparentemente despreziosas.

Os estudantes com deficiência foco desde estudo, necessitam de docentes que façam através de ações e práticas, seus alunos sentirem-se inseridos e emancipados, afinal ter deficiência exige do próprio estudante a coragem para enxergar um mundo de possibilidades e do professor, a coragem para todos os dias superar conceitos padronizantes e assumir a luta pela evolução de seus alunos. Yus (2009) fomenta um educador que contempla um perfil preocupado com: as inter-relações, o resgate da autoestima e o fortalecimento da autonomia, o respeito às particularidades e culturas, a prática da coletividade, da cooperação, da criticidade e criatividade, do equilíbrio, da inclusão e das experiências que levam em conta os contextos sociais.

É nesse panorama que as habilidades docentes vão se contextualizando e o relacionamento professor-aluno se constitui em uma trama, na qual, “[...] o professor busca respeitar a individualidade de cada pessoa, e encara a sua profissão como uma vocação que requer uma prática cientificamente sólida assim como sensibilidade” (BOLZANI, 2015, p.6).



Por fim, entendemos que é por meio da sensibilidade que entendemos a necessidade de educar o todo e sua integralidade, respeitando as diferenças, buscamos atender as totalidades e suprimir qualquer prática discriminatória. Quando se deseja ressignificar as práticas docentes, ainda que não tenhamos segurança e estranhamento pelo diferente, é fundamental assegurar uma visão tolerante e paciente nos aproximando do desconhecido promovendo aprendizagens verdadeiramente incluídas e respeitadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Relato de experiência com uma aluna TDAH

O relato de experiência analisado neste trabalho é de uma das autoras que atende numa clínica de psicopedagógica na cidade de Maceió-AL, por isso, foi descrito na primeira pessoa. O objetivo de análise deste relato é refletir sobre as dificuldades de lidar com crianças que foram diagnosticadas com TDAH e a escola não conseguiu atender de maneira correta. Vejamos a seguir.

Relato de experiência:

Minha experiência com uma aluna TDAH foi de 2017 a 2019, na época ela estava no 4º ano e tinha 12 anos de idade. Como se vê, estava em defasagem em idade e série, pois havia repetido alguns anos. Era uma adolescente de classe média alta, cheia de problemas emocionais de uma péssima convivência com todos os familiares e baixíssimo rendimento na escola.

Fui contratada para ajudá-la nas atividades escolares, porém não tinha a dimensão de como ela seria um desafio, visto que o contexto histórico era bastante problemático. Na verdade, os dias foram passando, os atendimentos acontecendo e foi percebendo que a aluna fazia tudo para ser percebida, ou seja, a forma pela qual ela encontrava de ser observada em casa e na escola era destacando-se de maneira negativa e agressiva.

Os primeiros meses foram bem complicados, pensei muitas vezes em desistir porque apesar das leituras que fiz sobre o transtorno ainda assim as singularidades apresentadas nela a tornava específica, por isso, aprendi que apresentar deficiência não é sinônimo de padronização. Era uma luta convencê-la que era preciso fazer as tarefas, estudar, desenvolver rotina de estudo, a aluna definitivamente se negava em todas as investidas. Quando comecei a ouvir mais que cobrar, a entender que ela sentia-se sozinha, e demonstrava isso porque reclama bastante que ficava por muito tempo sozinha, que não via sua mãe com frequência etc. ao longo do tempo



fui percebendo que sua autoestima era baixa, demonstrava-se carente, vivia sem regras e por isso se sentia perdida.

Então, resolvi mudar a estratégia, comecei a me aproximar dela sem a cobrança pedagógica, conversávamos sobre assuntos de seu interesse sempre antes de iniciarmos os estudos, as vezes a presenteava com chocolates, canetas coloridas, fui percebendo que ela tinha muito jeito com a parte artística, gostava de ouvir músicas, dançar, cantar, desenhar, pintar, gostava de moda, de maquiagem, penteados e ao longo do tempo ela me revelou que escrevia poemas, músicas e que tinha um talento para cantar.

Minha paciência e a insistência me fizeram perceber que ela era muito talentosa e que os pais não tinham tempo de enxergar a beleza escondida por traz daquele jeito agressivo. Ao elogiar suas letras musicais, suas paródias e seus poemas ela foi se sentindo motivada a escrever melhor, porque o talento já estava dentro dela. Por ter sido sensível a essa situação, pude aproveitar a relação agora mais segura para executar meu trabalho pedagógico e orientação emocional com mais facilidade.

O primeiro passo para o tratamento foi descobri as dificuldades da garota, e ao longo da vivência busquei formas de facilitar a aprendizagem especialmente nas disciplinas de matemática e História, as quais ela sentia maior complexidade. Sempre busquei estratégias de levá-la a compreensão, ressaltando os aspectos positivos nos estudos, vibrando com os acertos, elogiando, pois era fundamental encorajá-la.

Assim, entre descobertas e união, a nossa relação foi se consolidando e avanços foram sendo galgados, em especial no tocante aos aspectos socioemocionais. É essencial que o professor tenha sensibilidade para analisar o aluno, o contexto familiar o a organização escolar em relação a inclusão deste indivíduo, pois não podemos rotular nossos educandos e diagnosticá-los como incapazes, como acontece nas escolas. Ninguém é incapaz, todos nós somos desenvolvedores de competências e habilidades em todas as áreas da vida. O papel do professor nas salas de aula regular é crucial para que os aspectos positivos possam florescer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este artigo com as considerações finais numa perspectiva inconclusiva, porque defendemos que a sensibilidade como acessibilidade no ambiente escolar, precisa de temáticas que contemplem a inclusão escolar como matéria em cursos de formação inicial ou continuada, pois todo professor precisa estar minimamente ciente que as diferenças fazem parte



do cotidiano e que a qualquer momento pode estar na sua sala de aula uma criança portadora do TDAH, então o que fazer? Nós enquanto docentes, ficamos sempre achando que não estamos preparados ou encaramos a realidade buscando superar os estranhamentos. Aqui, fica a opção para os professores responderem esse questionamento e buscar fazer o melhor. Por isso, mãos à obra, nossas escolas estão repletas de alunos precisando da sua sensibilidade docente.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Bianca **Psicopedagogia Clínica: o despertar das potencialidades**. Acampora. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019. 184p. :21cm

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - **Manual de Doenças Mentais**. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf> página 32. Acesso em: 21 ago. 2020.

BASTOS, Aline Beatriz Barretto Izique **Psicopedagogia Clínica e Institucional: diagnóstico e intervenção**. Alice Beatriz Barretto Izique Bastos. São Paulo: Edição Loyola, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, Modalidade Educação Especial**. Resolução n. 4 de 2 de outubro de 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09. Acesso em: 26 ago. 2020.

BOLZANI, Marisete Fontana. EDUCERE CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, PARANÁ. **Anais [...]**. CURITIBA-PR Grupo de Trabalho - Formação de Professores e Profissionalização Docente, 2015. 9 p. Tema: PARADIGMAS INOVADORES: UMA VISÃO HOLÍSTICA DA EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI.

IPDA – **Instituto Paulista de Déficit de Atenção** - Disponível em: <https://dda-deficitdeatencao.com.br/oquee/> Acesso em: 21 ago. 2020.

LEFÈVRE Antônio Branco. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Branco_Lef%C3%A8vre. Acesso em: 22 ago. 2020.

MARCUCCI CÍNTIA - **TDAH: por que ele atinge mais os meninos?**. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Mae-de-meninos/noticia/2014/04/tdah-por-que-ele-atinge-mais-os-meninos.html> Acesso em: 23 ago. 2020.

RAMALHO, Danielle Manera **Psicopedagogia e Neurociência: Neuropsicopedagogia e Neuropsicologia na prática clínica**. Danielle Manera Ramalho. 2. ed. RJ: Wak Editora, 2019. 116p: 21cm



RAMOS Mariana de Marins - **Teoria e Prática Rumo à Compreensão do TDAH no Âmbito Escolar.** Disponível : <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/mmr.1.2012.pdf>.
DSM-5 Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais. Artmed: Porto Alegre, 2014.

SANTOS, Nágib José Mendes. A CONSULTORIA COLABORATIVA COMO ESTRATÉGIA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES SOBRE AEE À PESSOA COM SURDOCEGUEIRA. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CEDU-UFAL, 2014.

SOUZA, R. S. **O Impacto da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva no Ensino Superior.** Orientação: Prof. Dr. Fauston Negreiros. 2018, 229 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Piauí, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos** I. trad. Daniel Grassi- 2.ed. -Porto Alegre. Bookman, 2001.

YUS, R. **Um paradigma holístico para a educação.** Revista Pedagógica Pátio. Porto Alegre, Artmed, n. 51, ago./out. 2009.